

Integralismo antes de 1930? Notas sobre o pensamento modernista de Plínio Salgado

Leonardo Ayres Padilha

Grosso modo, a história do pensamento social brasileiro procura estudar, por várias razões (estabelecimento de uma sensação de segurança, ímpeto por classificação, constituição de esquemas explicativos, etc.), os argumentos dos intelectuais com o intuito de organizá-los numa corrente de pensamento ou defini-los a partir de um conjunto de referências comuns – como, por exemplo, um contexto mental específico. Daí a preocupação sistemática em formular os “ismos”, desvendar influências, estabelecer os contornos das gerações e períodos de continuidade ou renovação. Não que isto seja irrelevante, ao contrário: situar o objeto de estudo, tentando compreendê-lo a partir de um horizonte particular, indica um cuidado profícuo com a pesquisa. Elucidar a especificidade de um autor à luz do diálogo travado no interior de um grupo ajuda o entendimento das relações produzidas durante a construção do seu argumento.

Com raras exceções, os rumos tomados pelos que se debruçaram sobre a trajetória intelectual de Plínio Salgado antes da fundação da Ação Integralista Brasileira (1932) eram norteados por uma associação quase automática entre a produção do autor anterior ao surgimento dos camisas-verdes e os manifestos integralistas nos quais se transformaram, como ele próprio diz, grande parte de suas obras a partir dos anos 30. Essa identificação imediata aparentemente soluciona de uma única vez dois tipos de problemas que, na verdade, são oriundos de uma carência de pesquisas: (a) a questão da formação ideológica de Salgado, i.e., uma vez analisado o movimento do *sigma*, fica fácil (mas forçoso) enxergar o seu casulo, oculto porém já constituído dez anos antes; e (b) embora, não erroneamente, se atribua ao

integralismo um caráter direitista, é, contudo, equivocadamente, que os escritos do autor são classificados como produto de um pseudo-modernismo.

Na verdade, Plínio Salgado somente é pensado especificamente como integrante da renovação estética de 1922, de maneira específica pelos “manuais” de história literária; no que diz respeito às interpretações históricas, é aquela associação com o seu futuro integralista que ocupa lugar principal. É neste sentido que, sem a pretensão de esgotar a totalidade das referências, se colocam as obras aqui brevemente citadas: (a) o livro de Gilberto Vasconcellos¹ constrói uma esquema que, por conta de uma combinação entre dependência econômica e cultural e sentimento telúrico, faz a ideologia integralista já estar claramente presente como tal no discurso modernista de Plínio Salgado. Embora bem construída, a tese de Vasconcellos não delimita uma diferença, a não ser de datas, entre os contextos das duas décadas no que diz respeito aos argumentos do autor em questão; ao contrário, a associação é bem-vinda; (b) já no texto de José Chasin², este raciocínio é ainda mais nítido. O espaço reservado ao exame do Plínio pré-1930 é configurado como “véspera do movimento”; o autor se atém a inúmeras repetições através de exemplos, às vezes consultando quase que exclusivamente os escritos do próprio Plínio Salgado, para “confirmar” a presença, desde o “início”, do argumento integralista; (c) Marilena Chauí³ compreende o integralismo quase que unicamente sob a dinâmica da luta de classes, e, assim, nas poucas vezes em que se refere à trajetória de Plínio Salgado na década anterior a 1932, o faz procurando verificar as relações causais entre seu trabalho como redator do *Correio Paulistano* (órgão oficial de imprensa do Partido Republicano Paulista – PRP), a eclosão da Revolução de 1930 e a fundação da Ação Integralista Brasileira. Enfim, entende-se a produção modernista de Plínio Salgado como prólogo à sua atividade política e militante, que o tornara mais famoso anos mais tarde.

As análises que se preocupam em estabelecer nexos diretos entre os momentos avaliados se caracterizam por um argumento em que, mais importante do que a produção de um sentido-causa para uma determinada trajetória, a questão é da construção de sentido-

temporal para a “história de vida” e, a partir daí, criação de vários outros sentidos (causas, motivos, e até histórias inteiras) para a elaboração de um fio que liga os mais diversos episódios⁴. Neste sentido, o relato pretende ser versão acabada, mesmo que para isso recorra à construção de caminhos que, no momento em que eram percorridos, nunca foram sequer imaginados. Pierre Bourdieu define esse tipo de situação como “história de vida”, onde há “privilégio concedido à sucessão longitudinal dos acontecimentos constitutivos da vida *considerada* como história em relação ao espaço social no qual eles se realizam...”.⁵ Mesmo sabendo do desenvolvimento sociológico que o autor dará ao trecho assinalado⁶, podem ser expostas duas interpretações que não se anulam: (a) *a história como vida* – pretendendo assim significar uma totalidade acabada, ou seja, com princípio, meio e fim, bem como com relação de causalidade entre as partes; e (b) *a vida como história* – representando o que “realmente” passou, uma suposta verdade histórica. Em ambos os casos há uma descaracterização do que se está a estudar, seja por estabelecimento de uma lógica temporal que não corresponde àquela em questão, seja a aceitação de um relato que, por si, não pode ser considerado mais idôneo do que qualquer outro.

Dito isto, poder-se-ia a princípio encarar com pessimismo a constatação da dupla dificuldade no exercício de se entender os escritos de tom biográfico. De um lado a preocupação incansável de se remeter cada “passo interpretativo” a um contexto específico que não está antes ou depois dele, mas o constitui; e, de outro, o esforço que consiste em desvendar o que foi criado pelo relato para dar sentido às lacunas da memória, e/ou imputar um significado que a própria história não representou.

Em Paris, fins do ano de 1971, Héglio Trindade defendia sua tese de doutoramento intitulada *L'action intégraliste brésilienne: un mouvement de type fasciste des années 30*, diante dos professores René Rémond, Celso Furtado e Georges Lavau. Neste ano, Plínio Salgado exercia seu último mandato como deputado federal pelo estado de São Paulo, filiado à Aliança Renovadora Nacional (ARENA) e, particularmente nesta mesma data, era membro da

Comissão de Educação e Cultura da Câmara. Descrevendo desta maneira esses episódios (ambos à luz do ano de 1971), pode parecer estranho – e mesmo artificial – que esses dois “personagens” tomam, respectivamente, o lugar de sujeito e objeto de uma análise histórica. Na verdade, o dito “objeto” de Trindade não é especificamente Plínio Salgado, mas o movimento e organização política que fundou: a Ação Integralista Brasileira. Essa informação pode soar simples tendo em vista a já apresentação do título da tese, entretanto é muito importante para o argumento que será construído a seguir. Preocupado em desvendar a origem ideológica dos camisas-verdes, Trindade concede tom biográfico ao seu estudo, buscando as respostas na trajetória político-intelectual de Salgado.⁷ Traçando um caminho que vai do aprendiz de jornalista, passa pelo homem – mais figurante do que astro – da Semana de 1922, pelo romancista social (quando sofre a “metamorfose ideológica”), e chega, finalmente, ao status de fundador da doutrina integralista, Trindade elabora uma história que se constitui sempre determinada pelo que viria a acontecer. A luz do fim do túnel, na verdade, já iluminaria o percurso desde a entrada.

Voltando uma década antes do fenômeno integralista, o cientista político busca o início das formulações, dos princípios que se constituiriam como norte do primeiro movimento de massas do Brasil, no desenvolvimento da literatura do autor: “a evolução ideológica de Salgado, nesta fase [1920-5], se explica mais pela influência da revolução literária do que por sua experiência política em partidos tradicionais”.⁸ De uma perspectiva que pretende remontar a origem de uma experiência política se espera uma descrição de um passado onde o protagonista já demonstrava a vocação. No entanto, não é isso que acontece na narrativa de Trindade. Ao invés disso e de maneira muito inteligente, o autor reconstrói o caminho do seu personagem através de etapas que constituem o que ele chama de “metamorfose ideológica”. Plínio Salgado, nos primórdios do movimento modernista, não concebia a idéia da criação de um partido político novo⁹ como meio de se aplicar suas idéias, de um lado porque elas ainda estavam em formação¹⁰, e de outro porque não protagonizava nenhum movimento¹¹ – ele

estava no meio das transformações mas, até então, não participara, como autor, delas. Mas, justamente por viver a mutação literária que sofria a cultura brasileira é que não poderia estar alienado. Foi desse modo que sua formação política se deu através da literatura: seu primeiro romance é, na verdade, um estudo sociológico, um diagnóstico da vida brasileira. À luz de uma história em que são revelados, simultaneamente, a formação, os problemas, e a “força” da sociedade brasileira, Salgado formula seu ideário. É então que Trindade desvenda a situação política “por trás” do texto: “a problemática que está subjacente no romance [*O estrangeiro*], é ‘a formação de São Paulo, que era a do Brasil. Conglomerado de raças de várias procedências, de culturas, umas querendo sobrepujar as outras’; a mensagem do livro é o ‘nacionalismo’; seu objetivo principal é descrever a ‘vida rural, vida provincial e vida na grande cidade’, onde as correntes migratórias de diversas origens estão por realizar uma grande fusão étnica”.¹² A revolução literária, para Salgado, passa a não ser suficiente. Constatado o problema brasileiro e o destino da nação, a mudança se impunha: militância, da literatura à política¹³.

Tentar entender a trajetória do futuro chefe da AIB de uma maneira contextualista; ou ainda, procurar o ambiente literário da década de 1920 na biografia de Salgado significa correr o sério risco de não chegar à conclusão alguma, que não a de que seu caminhar foi muito peculiar. Daí a importância da noção da “metamorfose ideológica” no raciocínio de Trindade: foi Plínio Salgado que viveu esta mudança particular, é claro que de acordo com a relação que estabeleceu com o seu meio. E ter vivido esta metamorfose significou uma diferença de trajeto em relação aos outros modernistas. Neste raciocínio, sua vida seria o que Giovanni Levi¹⁴ chama de caso extremo: não como paradigma modernista ou máxima expressão do movimento, mas por estar em uma de suas extremidades – não à margem, mas na margem. Dentre as mais diversas posturas biográficas que se pode assumir, segundo a tipologia de Levi, Trindade se aproximaria da que, através análise dos “casos extremos”, busca representatividade de suas trajetórias, mesmo quando estas sugerem que o que se estuda possa ser um caso isolado: “esse caso [o da biografia através dos casos extremos], o contexto não é percebido em sua

integridade e exaustividade estáticas, mas por meio de suas margens. Descrevendo os casos extremos, lança-se luz precisamente sobre as margens do campo social dentro do qual são possíveis esses casos. (...) ‘o estudo de caso representa o retorno necessário à experiência individual, no que ela tem de significativo, mesmo que possa parecer atípica’ (...).¹⁵ O caso de Salgado foi desenvolvido na margem, porque a revolução que pregava rapidamente se desvinculou da literatura, embora não a abandonasse. Os livros do autor deixaram de viver a mutação estética para virar divulgação da outra mutação, esta política. O início efetivo da mudança se dá em *O estrangeiro*: “a metamorfose ideológica de Plínio Salgado se processa sob a atmosfera intelectual da revolução estética. Sua obra romanesca, escrita em pleno período modernista, estabelece a ponte entre sua atividade de escritor e de ideólogo político”.¹⁶

Hélgio Trindade não contrasta enfaticamente as diferenças da trajetória de Salgado em relação ao seu tempo, não é esse o seu caminho. A nomeação dada ao estudo (biografia através de caso extremo) está ligada muito mais ao direcionamento que Trindade vai dar ao seu argumento (gênese do integralismo) do que a defesa, do próprio autor, do caminho assim definido. Isto é, muito preocupado em ligar o “presente” integralista ao passado de Salgado, o autor cria um caso extremo do modernismo.

Este trabalho não pretendeu realizar uma crítica biográfica dos escritos sobre Plínio Salgado em época raramente estudada, ou tampouco visou reconstruir peculiarmente a ponte entre a vida do autor antes de depois do fatídico ano de 1932. O importante texto de Trindade, certamente, o faz melhor e, por isso, não é aqui convocado para que se possa, negando seu valor, construir o argumento. O que se busca é encontrar um espaço nesta discussão, e se possível fugir do mecanismo quase automático que caracterizou a interpretação acima apresentada. É neste sentido que a opção pelo estudo dos argumentos de Plínio Salgado à luz do modernismo se fortalece. Apesar da dimensão totalizante que sua trajetória a partir de 1932 tomou no que diz respeito a sua produção intelectual mesmo após o fim formal do movimento integralista, em termos da riqueza das idéias, o que se viu na década de 1920 não fica atrás.

Por isso mesmo, não há razão para interpretá-lo neste período como o construtor de uma propedêutica integralista. O argumento é qualitativamente distinto, e tem raízes num diálogo com a modernidade no exterior e no Brasil, e com os autores que se apresentavam no interior desta discussão.

Há um debate nítido dentro do modernismo: a versão de Mário de Andrade *versus* o “verde-amarelismo” (movimento literário brasileiro dos anos 20 do qual Salgado fora um dos fundadores, senão o principal). Uma investigação mais atenta sugere que as diferenças entre os grupos se acentuam no que diz respeito à formulação da maneira através da qual se poderia atingir a *brasilidade* e, assim, construir um projeto para a nacionalidade. Não que as especificidades se encerrassem neste ponto, mas ele se torna fundamental para a compreensão da construção do argumento de Plínio Salgado.

Por outro lado, o debate intelectual é mais amplo, de consequências epistemológicas, e que acabou por configurar de modo específico a virada do século XIX para o XX. Compreender sua dinâmica é vital porque a interpretação de Plínio Salgado sobre a realidade brasileira faz parte de uma reflexão que transcende as questões locais, sem é claro ignorá-las. Num diálogo claro com autores como Henri Bergson, Farias Brito e Graça Aranha, Plínio Salgado combate a expansão dos mecanismos de pensar atrelados à racionalidade científica, em direção a todos os ramos do conhecimento, afetando inclusive aquele que caracteriza a experiência estética.

Em último lugar é necessário tratar os escritos de Plínio Salgado como sendo próprios, i.e., como produtos de uma reflexão específica do autor. Assim, ao mesmo tempo em que transcendem o integralismo no tempo e no espaço, assim também o fazem com o próprio modernismo. Integralismo antes de 1930? Não. Modernismo, então? Talvez.

¹ Gilberto Vasconcellos. 1979. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo, Brasiliense.

² José Chasin. 1999. *O integralismo de Plínio Salgado: forma de regressividade no capitalismo híper-tardio*. 2ª edição. São Paulo / Belo Horizonte, Ad Hominem / Una.

³ Marilena Chauí. 1985. “Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira”. in M. Chauí & Maria Sylvia de Carvalho Franco. *Ideologia e mobilização popular*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Paz e Terra: Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, p.17-149.

⁴ Giovanni Levi faz um comentário sobre esse raciocínio anacrônico numa perspectiva crítica aos próprios historiadores. Ver Giovanni Levi. 1998. "Usos da biografia". in Janaína Amado & Marieta de Moraes Ferreira (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p.169.

⁵ Pierre Bourdieu. 1998. "A ilusão biográfica". in Janaína Amado & Marieta de Moraes Ferreira (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro, FGV, p.189, grifo acrescentado.

⁶ O autor está preocupado com a biografia enquanto construção de uma trajetória que só pode estar num mundo social e assim, portanto, deve referir-se a ele e só terá (ou construirá) significado nele: "Tentar compreender uma vida como uma série única e por si suficiente de acontecimentos sucessivos, sem outro vínculo que não a associação a um 'sujeito' cuja constância certamente não é senão aquela de um nome próprio, é quase tão absurdo quanto tentar explicar a razão de um trajeto do metrô sem levar em conta a estrutura da rede, isto é, a matriz das relações objetivas entre as diferentes estações". In Bourdieu, *Op. Cit.*, p.189-90).

⁷ A edição aqui utilizada é: Hégio Trindade. 1979. *Integralismo: o fascismo brasileiro na década de 30*. 2ª edição. São Paulo / Rio de Janeiro. DIFEL. (Corpo e Alma do Brasil).

⁸ Trindade, *Op. Cit.*, p.42.

⁹ Digo "novo" porque Salgado trabalhava no Correio Paulistano – jornal que era órgão oficial de propaganda do Partido Republicano Paulista (PRP), situacionista.

¹⁰ Trindade, *Op. Cit.*, p.35-69.

¹¹ *Idem*, p.43.

¹² Trindade, *Op. Cit.*, p.57.

¹³ Plínio Salgado une algumas crônicas suas que saíram no Correio Paulistano e as publica num volume único intitulado *Literatura e Política* (1927). Hégio Trindade também analisa este livro, mas como ratificação da "metaformose salgadiana", onde a política passa a predominar sobre a literatura. Ver Trindade, *Op. Cit.*, p.49-55.

¹⁴ *Op. Cit.*, p.178-9.

¹⁵ *Idem*, p.176-7.

¹⁶ Trindade, *Op. Cit.*, p.48.